

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*BERNARD DA COSTA CAMPOS — *Diretor*J. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Executivo*MAURO GUIMARÃES — *Diretor*FERNANDO PEDREIRA — *Redator Chefe*MARCOS SÁ CORREA — *Editor*FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Assistente***Abuso Intolerável**

Pelo modo como transcorreu, a votação de quinta-feira na Assembléia Nacional Constituinte é uma espantosa demonstração das condições desfavoráveis em que ainda são decididos, no Brasil, assuntos de interesse nacional. Tratava-se de deliberação envolvendo uma questão crucial — a do regimento interno da Constituinte. À parte as divergências entre os próprios parlamentares, entretanto — que terminaram em desforço físico, como tinham previsto e aparentemente desejado alguns radicais —, a votação desenrolou-se em clima de absoluto tumulto provocado pelas galerias, clima em nada diferente do que andou imperando no *Mineirão* por ocasião do jogo Flamengo x Atlético.

O que tem isto a ver com a feitura de uma Constituição? Se já é inaceitável o que aconteceu no *Mineirão* — com a invasão do campo por torcedores inconformados —, como admitir, ainda que remotamente, que as deliberações da Constituinte estejam submetidas a “torcida”, e uma “torcida” de agressividade incontrolada?

O que se passou em Brasília revela falhas simplesmente imperdoáveis. As galerias do Congresso não existem para abrigarem “torcidas”; o que ali se admite, no máximo, é uma assistência sem direito a voto ou a manifestação. Isto em condições normais; muito mais estranho quando se trata de fazer uma Constituição.

Os constituintes foram eleitos em eleições livres e indiscutíveis. Como submetê-los, então — seja o que for — que se pense da sua atuação — a um constrangimento brutal como o de quinta-feira? O constrangimento começou na entrada do plenário, transformada de maneira digníssima em “corredor polonês”; e culminou com a

invasão do Salão Verde — como se o Brasil estivesse em plena Revolução Francesa, e o Congresso fosse o pavilhão das Tulherias.

Onde estavam, enquanto isso, os que tinham a obrigação de dar fim ao deboche? Esta era função da Mesa, que tem poderes e meios para evacuar as galerias. Por que não o fez? E como se explica que as mesmas galerias estivessem maciçamente ocupadas pela CUT?

Não se pode perder de vista o efeito inevitável de uma tal situação: um plenário influenciado ou no mínimo incomodado por uma pressão tão violenta. Como explicar que, da galeria, os manifestantes alucinados tenham invadido o próprio salão de deliberações?

A galeria está servindo, pura e simplesmente, de instrumento para a atuação de fanáticos. É razão suficiente para cortar o mal pela raiz: feche-se o acesso a elas; e ponha-se fim imediatamente ao cerco ao plenário. Quanto ao desvairado representante da Confederação dos Professores do Brasil — um dos mais furiosos manifestantes —, deveria ser preso pelas declarações que deu aos jornais. Onde iremos parar, se não há um mínimo de respeito pelos mecanismos políticos em plena atuação?

A liberdade não pode ser confundida com o deboche: essa atitude, que não tem nada a ver com a verdadeira liberdade, é fatal para a convivência democrática. É preciso voltar urgentemente (antes que seja tarde) a um princípio fundamental: a democracia não precisa ser menos decidida pelo fato de que não é totalitária. No respeito à lei, ela tem todo o direito de ser inflexível. É o que está na hora de pôr em prática.